

## ■ Sobre silêncios e minúsculas escrituras

LUCIANA BORGES

Professora de Literatura Brasileira na  
Universidade Federal de Goiás – Campus de  
Catalão. Doutoranda em Estudos Literários pela  
Universidade Federal de Goiás. Já publicou  
textos em antologias e revistas literárias e artigos  
sobre literatura em revistas acadêmicas.



## Lavrador ou semi-deus/ Queima de amor/ Seja como for.

*Marisa Monte & Carlinhos Brown*

há uma pequena sala de departamento, há amplas janelas por onde se vêem uma árvore sem folhas, a grama seca do pátio e a rua. é essa transparência que o emoldura quando, ao som dos passos de ana, a chinelinha prateada combinando com o jeans claro da calça se arrastando, ele se vira e diz oi. sorriso, amplo movimento de pescoço, lentos ambos, olha-a parada na porta. faz que vai se levantar, ela diz não. caminha até ele, antes para e cumprimenta o colega com ar despreocupado. a sala pequenina, os passos que ela anda são apenas três ou quatro, mas chegar até ele, trocar as chaves de mão, levantar o braço em um movimento não estudado e acariciar-lhe os cabelos quase ausentes parece, com toda a consistência do clichê, uma eternidade. mais risos com ar descompromissado, a naturalidade de quem diz, já me curei, você não precisa se preocupar. ela faz isso porque, se o tocasse na mão ou no braço ele perceberia que ela estava gelada. o coração meio adolescente. e isso não pode acontecer. não é parte do script. não é parte da narrativa que mais tarde ela irá escrever na tela branca do word e postar no seu blog literatura em minúsculas, ou enviar para a revista que mantém com as amigas, não é parte da cena que ela planejou e que já começava a dar errado pois, recusando-se a ler o e-mail de resposta, ela esperava não encontrá-lo. ah, sim, ana esperava não encontrá-lo, ana esperava não vê-lo nunca mais. ana esperava poder se mudar de novo para uma outra cidade e sumir, sem orkut e sem msn, ela esperava poder ficar para sempre afastada. ana esperava tantas coisas impossíveis.

ele olha para cima, ela olha para baixo. conversam sobre cabelos e banalidades, sobre um curso de alemão, tudo tão rápido que ela já não se lembraria das palavras cinco minutos depois, quanto mais, quinze anos depois. o que há entre uma palavra e outra, entre uma frase e outra que não seja o tempo? mesmo porque o que ela vê são os

olhos, agora sem os óculos. há um cílio perdido abaixo da pálpebra, que ela pensa em retirar e dizer, pedro você continua esfregando muito os olhos, mas esse seria um gesto repetido, um gesto de um outro dia e de um outro texto e já não há intimidade para estender a mão e tocar seu rosto fora da autorização dada pelas situações de cumprimento sem causar estranheza. até que ela desperta, lembra a que veio. onde está o meu papel? é que preciso para o relatório, você sabe, a burocracia toda e esse ano, não trabalhei muito nas coisas oficiais, aquelas que geram horas. porque não pode com o silêncio, não naquela sala, ana fala sem parar. ri seu riso de dentes perfeitos, o batom vermelho, que segundo jabor fica muito bem nas mulheres com mais de trinta anos, combinando com um aplique de flores na camiseta amarela. ana espera que tudo acabe logo, quer pegar o papel e ir embora correndo, correndo antes que o silêncio se instale na sala, ainda bem que não está com os saltos habituais, a chinelinha prateada de quem está de folga possibilitariam a ela quase correr na pequena subida para o estacionamento, chegar ao carro, sentar-se ofegante antes de dar a partida.

aquele pedro se levanta, passando por ela, faz agora um comentário sobre seu perfume: mas você não usava este... ele o julga novo, mas nem pode imaginar que a novidade é dada pelo tempo que ele não a vê, pelo tempo que ela pediu, mas é sempre cortado por alguma ocorrência burocrática, como agora, ter que pegar esse documento, indicativo de quando os projetos conjuntos ainda existiam, a voz dele, vamos escrever a quatro mãos, lhe soa na cabeça, ou antes ter que entregar um presente atrasado ou antes ter que pegar de volta seus livros ou antes ter que devolver os livros dele. não, ela não está pronta para essa demonstração involuntária de atenção, ela pode passar sem isso. respira fundo, não sabe bem o que vai dizer, mas se sai muito bem, citando clarice lispector sobre uso de perfume, andando de um lado para outro, utilizando o poder de improvisado que ela aprendera em anos de sala de aula. enquanto ele pega na gaveta o

motivo desse encontro que não era para ser, e todos se esquecem da personalidade do perfume dela, passando a um redigir oralmente um “tratado em trinta segundos sobre os bons e maus perfumes”.

ela tem que assinar o recebimento. a maiúscula sai um pouco tremida, mas logo as outras letras a redimem, saem redondas e firmes na letra pequena e ela percebe que é tudo quase como antes, ana acha estranho que já não seja tão dolorido, ela pensa até em dizer-lhe que já está pronta para retomar a convivência, mas há o silêncio. o silêncio é melhor? sempre fora? ela está feliz porque agora, olhando para ele, parada, com o documento na mão, tem certeza de que se livrou de vez da possibilidade de ser olhada com pena por aqueles olhos que tanto sabiam do seu amor, mas que sempre preferiram a língua travada, as palavras truncadas e os gestos ambíguos, as falas opacas. não, ana não será olhada com pena. pode se sentar na beirada da mesa como antes e ouvir as pequenas histórias de trabalho, ajudar a falar mal dos desafetos, sua voz não treme, não engasga, não gagueja desculpas. ela olha a chinelinha e já não quer correr, mas pode ficar ali, até que o expediente acabe, até que o sol se vá, esse mais demorado do horário de verão. mesmo porque ela sabe que ao se levantar para ir embora ele vai retê-la e quando não puder mais retê-la ele irá acompanhá-la até a porta e depois até o carro e serão mais minutos como antes sobre problemas e soluções várias menos sobre aquilo que nunca houve. e então se deixa ficar, senta-se obediente no vão da mesa por ele indicado, como naquele passado recente quando ainda não havia todo o silêncio árido que se impôs no depois de tudo.

mas ela tem que ir, e se levanta definitivamente. aliviada, pensa que é apenas um encontro de trabalho às quatro da tarde. ele parece querer restaurar a proximidade perdida e faz perguntas pessoais. ela quer não lhe dar contas de sua vida, mas afinal, porque não? diz que não faz mais nada desde que. apenas mantém o blog por insistência dos amigos e amigas, e porque é um modo de

entender a vida. assim como ele também havia dito que parara o projeto desde aquela época em que. riem. pedro parece querer esconder as marcas de suor sob as axilas mantendo os braços fechados, mas ela não se lembra de ter visto a camiseta azul manchada quando entrou na sala. ela quer ver nisto alguma coisa, um sintoma, mas logo se reprime, afinal, era apenas o calor das quatro da tarde. ana começa a achar que tinha sido muito bom encontrá-lo, logo poderiam pensar de novo nos antigos projetos a quatro mãos, interrompidos por causa de.

ela olha de novo o rosto dele, o cílio ainda está lá. e vai ficar. ele esfrega os olhos novamente, diz que está sempre devendo sono, as pequenas e graciosas veias azuis nas pálpebras de baixo. inclina-se para beijá-la no rosto, porque agora ela vai embora em definitivo, o tempo dos outros departamentos aonde iria se esgotando. como nos velhos tempos ela lhe oferece o rosto. ela não o beija para não marcar seu rosto com batom e não causar constrangimentos. sente a mão que a atrai para si, prende a cintura.

porque seu corpo parece que vai se trincar inteiro, placa fina de vidro ao alcance de qualquer pedregulho que se joga de longe de muito longe? não é uma explosão, é um lento trincamento, uma linha que se espalha e se estende como teia de aranha, fio de água lento e mole em solo irregular e estriado que aos poucos toma todo o perímetro e faz com que algo quase se dissolva, com que ela quase se dissolva. mãos, gestos, palavras, riso de amplas asas. ela tem a impressão de uma bolha que os envolve e os separa do resto do sol da tarde, do resto de tudo da tarde. novos trinta segundos que só deixam o vento a tocar de leve essas paredes quebradiças da carne dela emaranhada de abismos. de novo o clichê da eternidade a aprisiona. deseja é que seja de perto, de muito perto, como as mangas de novembro, prontas para serem colhidas, maduras à espera de que uma mão gentilmente mas com força as recolha, que um dente trinque a sua pele de sumo e visgo. e ela quer os dentes dele, falésias na boca que ela percebe

seca, os lábios tão trincados quanto seu corpo. deseja é que seja ela a água a domar o pequeno pedaço de terra seca, transpondo o abismo, saliva e língua a tocar a pequena faixa de carne ressequida, quase morta. mas isto não vai ser. de novo não vai ser.

porque esse contato é apenas um átimo. e mais tarde, na frente da tela branca do word, ana irá transformar esse acontecimento em uma de suas muitas narrativas. seus dedos se moverão. ela escreverá. porque é mais fácil escrever como gh, como se fingisse que escreve para alguém. é mais fácil quando alguém já comeu a nossa barata por nós, esgotando a massa branca sem deixar vestígio da ocorrência. ana apenas queria dar a alegria. alegria de tê-lo encontrado por acaso. depois de um tempo seco, de poeira e pedregulhos florescendo no corpo e naquilo a que os crédulos chamam de alma, de um tempo em que ela implorava para sentir alguma coisa. é claro que pedro, a dura pedra, o resistente, não tem controle sobre a própria e inventada singularidade, não controla o modo como reluz metalescente entre os medíocres e os chatos. ignora talvez que sem ele ana nem teria alegria para dar, que a dela sempre fora uma coisa das gargalhadas, dos dentes que não se escondem por anatomia, do sorriso perfeito que é o primeiro atributo que todos vêm e se esquecem do resto, dos ditos sarcásticos inteligentes espirituosos que a tudo diluam. e o blog onde ela escreve com letras minúsculas a la bell hooks precisa ser abastecido de histórias do mundo diário, diário de ficções para ninguém.

se ana tivesse coragem, diria a ele este ela sou eu, apenas escrevendo em terceira pessoa para consolar-me dessa impossibilidade consentida. ele ia saber que ela escreveu contos como ficção, apenas para que ele leia porque não pode falar sobre algo a respeito do que fizeram um esquisito pacto de silêncio. sim, se tornaram pactários sem perceber, mas não é assim que funcionam os pactos mais severos, aqueles que de repente a pessoa se pergunta, mas eu fiz isso mesmo, não é invenção da minha cabeça, e vive a dúvida eterna ou fugaz, o não-saber rígido ou semovente?

ana agora anda lentamente. olha os pés e as chinelinhas prateadas que antes estavam dentro da pequena sala do departamento, balançando-se no ar enquanto ela se sentou no vão da mesa. sobe para o estacionamento, está sozinha e não olha para trás. tranquila e profundamente trincada, sabe agora como será a última frase de sua próxima micronarrativa. frase que não era se sua autoria mas que de tão apropriada jamais poderia faltar em algum escrito seu, qualquer que fosse. acha dentro da pasta um pequeno pedaço de papel e anota, para não esquecer: a aridez do silêncio também escreve o amor.